

## A INFLUÊNCIA DO CONCEITO DO UNIVERSALISMO E PÓS-COLONIALISMO NA LITERATURA AFRICANA CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>

Sunday Adetunji Bamisile  
*Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*

Este ensaio tem o objetivo de buscar e aprofundar novas perspectivas das tendências recentes entrevistas em debates académicos sobre o conceito pós-colonialismo, a falsa noção de universalismo eurocêntrico e a sua relação com o desenvolvimento das literaturas africanas contemporâneas. Para este fim, este ensaio vai enfatizar o papel das histórias de diferentes lugares e culturas do mundo pós-colonial, explorando ao mesmo tempo os estudos das literaturas africanas em geral e, particularmente, aspetos relevantes das literaturas anglo, franco e luso – africanas. Vamos procurar situar os dados literários teóricos pós-coloniais dentro das diversas culturas e histórias africanas que, do nosso ponto de vista, são parte do mundo pós-colonial que aqui circunscrevemos. É nossa intenção sublinhar assim o grande dinamismo literário e o debate que caracterizam esta área de estudos. Fazendo uso de conhecimentos da teoria literária atual e dos estudos pós-coloniais recentes, pretendemos salientar o percurso da atividade longa e determinada dos intelectuais indígenas nos países anglófonos, francófonos e lusófonos e ao mesmo tempo desenvolver os meios em que a teoria pós-colonial pode ser aplicada de modo localizado numa sociedade culturalmente diferente e sensível, conforme fica testemunhado na obra de autores africanos como Chinua Achebe, Luandino Vieira e Hamadou Kouroma.

**Palavras-chave:** Conceito de Pós-colonialismo, Falsa Noção do Universalismo Eurocêntrico, Literaturas Africanas.

This essay is written to provide fresh, in-depth perspectives on the key trends and recent debates in the field of Postcolonialism, false notion of Eurocentric Universalism and its relation to the development of Contemporary African Literatures. In the course of this essay, we shall highlight the natures, roles, and complexities of diverse histories and cultures which constitute the ‘postcolonial’ world and at the same time explore, in broad, the study of African Literature and in particular, the relevant aspects to Anglophone, Francophone and Lusophone African Literatures. My aim is to situate postcolonial literary and theoretical materials within the African complex histories and diverse cultures which, from my own point of views, constitute the postcolonial world and at the same time, emphasize enormous literary concepts, dynamism and debate that characterise this field of studies. Based on the use of current literary and postcolonial theories as well as literary scholarship, my main objective in this essay is to stress a sense of the long histories of indigenous intellectual activity in Anglophone, Francophone and Lusophone African context and other postcolonial locations while also developing the means to apply postcolonial theory in culturally sensitive, ‘located’ ways

1 Este ensaio fez parte da introdução e parte teórica da minha tese de mestrado, intitulada «Estudo pós-colonial, Literatura Africana e Engajamento sociopolítico» defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2006.

as portrayed in the literary works of renowned African authors such as Chinua Achebe, Luandino Vieira and Hamadou Kouroma.

**Keywords:** Postcolonialism, False Notion of Eurocentric Universalism, African Literatures.

---

## Preâmbulo

É do conhecimento geral que um século de colonização europeia, nomeadamente inglesa, francesa mas também portuguesa, espanhola, alemã e italiana deixaram o continente africano desorientado e confuso quanto ao modo a adotar para, sem complexos, afirmar ou restaurar o valor das culturas do continente negro. Flint, J. E (1966) no seu ensaio intitulado «Chartered Companies and the Scramble for Africa» afirmou que a criação e o modo dependente como se foram desenvolvendo as literaturas nos países anglo, franco e luso africanos, tidas para muitos como formas de arte menor, são a consequência direta da dominação colonial que se seguiu à partilha de África pelas nações europeias. A cimeira de Berlim, sobre a partilha de África pelas potências europeias e que teve lugar entre 1884-85, pôs em movimento o processo de colonização em larga escala não só nos territórios africanos que eram colónias europeias, mas em todo o continente, com exceção de apenas dois países: a Etiópia, na África Oriental, e na África Ocidental, a Libéria - um país que obteve a independência política dos Estados Unidos, logo em 1847.

O que hoje se entende por discurso colonial e teoria pós-colonial ou pós-colonialismo é um derivativo do ativismo anticolonial e dos textos de nacionalistas tais como Leopold Sedar Senghor, Frantz Fanon e Amílcar Cabral (Bill, et al 63; Schipper 82; Zukogi 17). Os primeiros textos de autores nacionalistas, desde logo, deram o tom, o ritmo e o carácter para o debate que decorre ainda hoje sobre esta questão. A publicação de quatro textos considerados fundamentais, cujos pontos de vista muitos africanos ainda hoje partilham largamente, também deu uma energia essencial ao contradiscurso que então se iniciou em África. Estes textos são *The Wretched of the Earth*, de Frantz Fanon (1961); *How Europe Underdeveloped Africa*, de Walter Rodney (1972); *Orientalism*, de Edward Said (1978) e *Toward the Decolonization of African Literature*, de Chinweizu, et al (1980). Estes textos procuraram ser uma corrente contra a hegemonia do discurso colonial, descentrando ou até minando a herança intelectual do texto da academia Ocidental, e pondo em questão os pressupostos em que se baseava o projeto que teve uma imposição sucessivamente colonial, imperial, neo-colonial.

De modo idêntico, em data posterior, outros escritores africanos, designadamente Chinua Achebe, Câmara Laye, Mongo Beti, Ngugi wa Thiong'o, Luandino Vieira, Ayi Kwei Armah, Ferdinand Leopold Oyono, entre outros prosseguiram a crítica ao imperialismo europeu engrossando o número dos que instituíram um discurso que se opunha ao texto colonial.

Discursos académicos teorizando sobre o significado da expressão «pós-colonial» foram e continuam a ser inflamados e polémicos. E decorrentes desta teorização surgem diferentes pontos de vista e variados estudos sobre as perspetivas e objetivos do pós-colonialismo e, acima de tudo, sobre o seu significado. Desta teorização derivaram

formulações diferentes tais como ‘pós-colonialismo’, ‘condição pós-colonial’, ‘situação pós-colonial’, ‘intelectual pós-colonial’, ‘o emergente espaço de estudos pós-colonial’ e a ‘pós-colonização’ (McClintock 1993, 293; Quayson 2000, 156). Este conjunto de formulações representa diferentes áreas de estudos que se desenvolveram a partir dos estudos pós-coloniais e da dificuldade associada à definição e estabelecimento de fronteiras precisas para o que se entende por «pós-colonial». Segundo McClintock, cada uma destas formulações denota uma implícita multiplicidade de pontos de vista sobre esta importante questão e leva a que se considere a história como o campo único de pesquisa válida para os estudos pós-coloniais (Bamisile 2006, 2008). Identificando-se com a centralidade da história da literatura pós-colonial, Bill Ashcroft, Gareth Griffiths, and Helen Tiffin (1989), os autores de *The Empire Writes Back*, afirmam que a literatura pós-colonial expressa «a fundamentação da lógica que precedeu à classificação associada a diferentes formas de agrupamento humano num passado histórico comum». Além disso, estes autores salientam que «tanto os discursos feministas como os pós-coloniais pretendem, antes de mais, recuperar os marginalizados restaurando-os e colocando-os a par dos dominantes». Este posicionamento sublinha a permanência do passado colonial e os seus derivativos no presente, fazendo disso a razão para optarmos pela adoção das teorias pós-coloniais, ao constatarmos que o colonialismo se mantém uma força duradoura e ponto de referência ainda bem atuante.

Assim, tendo em conta os diferentes desenvolvimentos relacionados com a teorização da literatura africana e os conceitos do suposto universalismo que impregnam o pensamento pós-colonial, na sua tentativa de presidir à imposição de ditames sobre a literatura que se fez em África antes e após a independência do jugo colonial, pretendemos fazer uma análise com uma perspetiva inovadora quanto às teorizações existentes sobre a influência questionável do Conceito do Universalismo e Pós-Colonialismo na Literatura Africana Contemporânea. Para este fim, o nosso ensaio está dividido em três partes interligadas. Numa primeira abordagem tentaremos caracterizar e definir, de modo que julgamos mais apropriado, o que é a literatura africana globalmente considerada, as funções desempenhadas pelos escritores africanos e as fases históricas em que os escritores africanos passaram. Num segundo momento, analisaremos o pensamento e o conceito pós-coloniais e a influência da teoria pós-colonial na literatura africana através do estudo levado a cabo por críticos africanos e europeus de renome sobre a literatura africana e a teoria pós-colonial. Seguidamente, iremos desenvolver e explorar conceitos expressos na teoria pós-colonial e que decorrem de falsas noções de universalismo ali implícitas e que se detetam de modo recorrente no desenvolvimento das literaturas africanas antes e após a independência das antigas coloniais europeias em África.

Mas, antes de iniciarmos um desenvolvimento mais expositivo será útil referirmos previamente os aspetos que nós propomos expor e debater neste nosso ensaio e que são sequencialmente, os seguintes:

- i. A literatura africana moderna, desde as suas origens<sup>2</sup>, até à presente data, é essencialmente literatura de protesto.

---

2 Veja o ensaio “Literatura Colonial / Literaturas Africanas” de Salvato Trigo, *Literaturas Africanas de Lín-*

- ii. A natureza deste protesto é determinada pelo contexto histórico das obras literárias.
- iii. Há uma correlação entre a natureza do protesto e da linguagem da expressão.
- iv. Embora as línguas europeias<sup>3</sup> fossem meio de expressão, elas foram utilizadas de um modo multifacetado no texto literário.
- v. A atitude dos escritores e críticos africanos na utilização das línguas europeias tem sido determinada pelo (seu) conhecimento ideológico das implicações que determinam esta escolha.

### O que é Literatura Africana?

Neste contexto, há uma pergunta teórica que se impõe desde já: o que é literatura africana e o que faz um escritor africano? A procura de uma definição para esta questão levará ao debate encadeado sobre as seguintes importantes questões:

- i. Será que Literatura africana é literatura escrita em África ou acerca de África?
- ii. Será a literatura africana literatura exclusivamente produzida por pessoas que vivem em África ou apenas por autores de origem africana?
- iii. Será que as obras escritas por escritores que não são africanos, mas que utilizam os espaços e realidades africanas, podem ser consideradas literaturas africanas? Nesta linha de pensamento, será que podemos considerar africana a obra *Heart of Darkness* de Joseph Conrad? E o que dizer dos textos de autores como Joyce Gary, Graham Greene, Robert Ruark, Ernest Hemingway entre outros, neste contexto?
- iv. Será que literatura africana abrange apenas as literaturas escritas nas línguas indígenas ou podemos nela incluir as obras escritas nas línguas europeias, tais como a francesa, a inglesa e a portuguesa?
- v. Qual é a nossa opinião no que toca à questão das fronteiras: as obras escritas no norte da África que têm uma cultura e tradição literária diferente, fazem parte desse mesmo todo?
- vi. Qual é a posição dos escritores brancos e mestiços como Alex La Guma, Mia Couto<sup>4</sup>, Pepetela, Luandino Vieira, Peter Abrahams, Dennis Brutus, Alfred Hutchinson, entre outros na Literatura africana?

---

*gua Portuguesa*, Compilação das comunicações apresentadas durante o Colóquio sobre Literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa realizado na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna em Junho de 1985, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1987, pp. 139 -157.

3 Isto é o português, o inglês, o francês e o espanhol.

4 Mia Couto tem referido um episódio que com ele se passou algum tempo após a independência de Moçambique. Um dos países de Leste, que haviam apoiado a luta de emancipação dos moçambicanos, tendo ouvido falar da importância do nome Mia Couto, nas Letras moçambicanas, endereçou um convite oficial para que ele visitasse esse país. O escritor aceitou o convite e partiu para lá. Mas, quando desembarcou, estranhou não ter ninguém a recebê-lo. Deambulou algum tempo pela gare do aeroporto, até que se dirigiu a dois indivíduos que ali se mantinham expectantes. O contacto foi difícil, pois não havia nenhuma língua que falassem em comum, com fluência. A desconfiança e a confusão entre os anfitriões era grande pois estavam à espera de uma escritora (Mia sugeria nome de mulher) e por moçambicana pressupunham alguém que tivesse, necessariamente, pele escura, cor negra.

O caricato desta situação serve para ilustrar, até que ponto certas ideias estereotipadas, decorrentes de preconceitos visíveis, continuam a gerar equívocos. Na verdade, Mia Couto é um escritor moçambicano, não porque tenha pele escura ou clara, como é o caso, mas porque a sua escrita decorre de um ser humano imerso na cultura e na vivência daquele espaço de África, com o qual se identifica plenamente.

Por outro lado, como também já tem sido comentado, o facto de Mia Couto ser hoje o escritor moçambicano de maior renome, e ser branco, não deixa de causar certo engulho entre muitos Moçambicanos que, ainda

## A Influência do Conceito do Universalismo e Pós-Colonialismo na Literatura Africana Contemporânea

Literatura africana significa coisas diferentes para diferentes pessoas. Para algumas, é um instrumento utilizado pelos letrados para se vangloriarem indevidamente das riquezas das heranças culturais; para outras, é uma nova literatura do mundo que tem as suas autenticidades, temas e mensagens; para um pequeno grupo, é simplesmente um documento político de protesto contra os conceitos racistas e as preconceituosas perspectivas de alguns escritores europeus, como David Hume, Lévy Bruhl, Charles Darwin e Gobineau, sobre o continente negro. Mais ainda, outros veem a literatura africana, em todas as suas ramificações, como um mero apêndice das literaturas portuguesa, inglesa ou francesa, visto que a grande maioria dos escritores africanos escrevem nestas línguas.

Num encontro sobre literatura africana e o currículo universitário (*African Literature and the University Curriculum*), que teve lugar em Fourah Bay College em Freetown, Serra Leoa, no ano de 1963, foi apresentada uma moção que define a literatura africana como «any work in which an African setting is authentically handled, or to which experiences which originate in Africa are integral». Esta moção<sup>5</sup> sublinha o facto de a *africanidade* de uma obra decorrer da autenticidade com que essa vivência é tratada, fator que lhe dá a necessária integridade.

Tendo em conta o desenvolvimento e as mudanças no interior da literatura africana e o papel da educação ocidental, não podemos aceitar o ponto de vista limitado de Chinweizu et al. (1980), que insistem em que a literatura africana só pode ser uma literatura escrita nas línguas autóctones, porque tal imposição e tal prescrição resultariam demasiado restritivas.

Chinua Achebe (1965), por sua vez, entende:

One cannot cram African Literature into a small, neat definition, (...) I do not see African Literature as one unit but as a group of associated units – (...) any attempt to define African literature in terms that overlook the complexities of the African scene at present is doomed to failure. (Achebe 1965, 25)

Achebe, desta forma, considera que a literatura africana não pode ser vista como um todo único, mas antes como um grupo de unidades associadas. Para ele, qualquer tentativa de definir a literatura africana, em termos que não tenham em devida conta as complexidades da mundividência africana, no momento presente, está condenada ao fracasso.

---

levados por preconceitos atávicos, gostariam que o seu autor de maior renome fosse mais “genuinamente” moçambicano, isto é, tivesse pele mais escura.

Pepetela, sobretudo quando escreveu *Mayombe*, onde teceu duras críticas ao oportunismo de uma certa nomenclatura que tomou o poder, foi muito hostilizado, em parte por que a sua pele branca, supostamente, lhe atenuaria a autoridade para afrontar procedimentos a determinados níveis. Temos assim que a definição do que são elementos intrínsecos da literatura africana, continua ainda a debater-se com aspetos claramente acessórios, que só o preconceito, antes como agora, teima em fazer perdurar.

- 5 É importante salientar que logo depois da emissão do comunicado dessa conferência, Donatus Nwoga manifestou a sua discordância para com a moção dos críticos que consideraram as obras literárias africanas escritas em inglês, francês, português, italiano ou espanhol, como as da primeira categoria, e as que vêm nas línguas africanas, consideradas como de segunda categoria. Nwoga designa Literatura africana escrita em línguas africanas como obra de primeira qualidade e as escritas em línguas estrangeiras, de segunda ordem. Para mais informação acerca deste assunto, veja Gerald Moore, *African Literatures* – 84 -85.

A este propósito, Alex La Guma (1969), ao fazer a pergunta, o que é Literatura africana, qual é o seu lugar no continente africano e no mundo, responde da seguinte maneira:

It is possible that I may oversimplify things by saying that African literature or Scandinavian literature or American or English literature is simply that which concerns itself with the realities of its prospective or appropriate societies. African literature concerns itself with the realities of Africa. And South African literature, I am prepared to say, is that literature which concerns itself with the realities of South Africa. (LaGuma 1969, 22)

Temos assim que Alex La Guma, instado sobre esta mesma questão, perfilha de certo modo a posição de Achebe. Correndo o risco de cair numa exagerada simplificação, ele afirma que a literatura dos diversos povos é aquela que diz respeito às realidades das sociedades de que emana. E assim, para ele, a literatura sul-africana é a que se preocupa com as realidades da África do Sul.

Na mesma linha de questionamento sobre o que é literatura africana, Cyprian Ekwensi (1964) afirma, por sua vez:

My own definition of African literature is literature based on African character and psychology. This means that the main theme may be anthropological, traditional or modern, but the traits, temperaments and reactions of the characters will be peculiarly African due to influence of tribe, culture and history. (Ekwensi 1964, 95)

Cyprian Ekwensi acentua que literatura africana é aquela que tem em conta o caráter e a psicologia africana, onde as personagens evidenciam a sua autenticidade (genuinamente) africana, devido à influência da tribo, da sua cultura e da sua história.

A definição de literatura africana não estará satisfatoriamente resolvida (mesmo quando a literatura africana é assim definida com recurso ao depoimento de autores de nomeada – é nossa opinião que qualquer tentativa para definir este conceito levará sempre a uma definição deficiente e vaga porque não constitui uma definição específica. O enunciado que se pretende definidor continuará a ser significar algo tendencialmente indefinível até porque, por princípio, qualquer definição pode levar a conclusões errada<sup>6</sup>.) Mas baseando-nos nestes quatro autores, podemos concordar que a *africanidade* resulta da preocupação e do tratamento de experiências específicas, decorrentes de uma realidade própria e complexa, latente nas vivências das tribos coexistentes dentro do continente africano. É africana, mas tem a ver com cada país, em resultado de um devir histórico relativamente comum, mas simultaneamente diverso, como é comprovado nos textos muitos escritores africanos como por exemplo, José Luandino Vieira, Mongo Beti e Chinua Achebe.

---

6 Veja Edgar Wright ‘African Literature 1: “Problems of Criticism”, *The Journal of Commonwealth Literature*, Vol. 2, 1966. O argumento contrário foi dada num ensaio apresentado por Mazisi Kunene, “Revolutionary Challenges & Cultural Perspectives” durante uma conferência de Algiers Festival e que foi publicado na revista – *Journal of the New African Literature and the Arts*, N<sup>o</sup>s. 7/8, 1970, p. 96.

Por sua vez, Chidi Amuta (1984, 55-58) na sua obra, *Towards a Sociology of African Literature* identifica três fases históricas<sup>7</sup> por que os escritores africanos passaram. Estas três fases, embora distintas, estão interligadas. O objetivo dos escritores dessas diferentes fases é sempre a melhoria das condições de vida dos seus povos. Essas quatro fases são as seguintes:

**1. Fase de Reafirmação Cultural:** é a fase de reafirmação cultural que ocorreu no princípio de 1920. Na África Ocidental a voz mais predominante foi a da filosofia e a do movimento da *negritude cultural*, o que promoveu a recuperação e regeneração do valor e orgulho africanos (costumes da raça negra).

**2. Fase da Crise de Identidade:** A segunda etapa histórica identificada foi a crise de identificação marcada pelo dilema dos jovens africanos que foram influenciados pela educação ocidental quer na Europa, quer nas universidades. Este problema de crise de identidade *manifesta-se em algumas obras escritas pelos escritores africanos dessa época*. Exemplos disso são *Song of Lawino* e *Song of Ocol de Okot p' Bitek*, a personagem de Lakunle, o professor da escola secundária de uma aldeia em *The Lion and the Jewel* de *Wole Soyinka etc.*, obras que apresentam a caricatura da cultura alienada na África contemporânea. A propósito disto Cheikh H Kane, em *L'Aventure Ambiguë* descreve ainda o dilema dos intelectuais africanos que, no processo de continuação dos seus estudos, absorveram os valores ocidentais.

Por sua vez, a propósito de um certo hibridismo patente na cultura e na escrita africana, pode afirma-se que essa imagem híbrida africana fica bem evidenciada nas obras de importantes escritores africanos. No poema, «Piano and Drum»<sup>8</sup> de Gabriel Okara, o piano representa a cultura ocidental enquanto o tambor (bonga ou batuque) representa a cultura africana. A personagem que ouviu o som do *Piano* e do *Drum* junto ao Rio fica, ao mesmo tempo, dividida. Ao contrário de Okara, Gabriel Okigo<sup>9</sup>, no seu poema, *Heavensgate* não fica indeciso por muito tempo, redescobre-se como o filho pródigo da Bíblia<sup>10</sup>, através da aceitação das tradições da sua terra. No final do poema, a personagem principal, sugestionado um regresso a África, despe as roupas europeias que trazia, fica nu, homenageando assim os espíritos dos seus antepassados, Idoto. Renasce agora dentro da cultura que fora por ele antes abandonada.

**3. Fase do Nacionalismo<sup>11</sup> e da Luta pela Independência:** O objetivo principal nesta fase é pôr fim ao domínio colonial e criar um estado soberano, com autoridade, ou que

---

7 Na nossa opinião, há quatro fases históricas, dado que Chidi Amuta excluiu uma fase muito importante – isto é, a fase que nós designamos por de triste na era pós-colonial.

8 Veja Donatus I. Nwoga ed, *West African Verse*, Harlow Essex, U.K 1967, Gabriel Okara, *Piano and Drum*, p. 36.

9 Veja Soyinka Wole (ed) *Poems of Black Africa*, London, Heinemann, 1975, Christopher Okigbo, *Heavensgate*, p. 295.

10 Veja a Bíblia: Lucas 15: 11-32.

11 É o ato de salvaguarda dos interesses e exaltação dos valores nacionais, ou seja, o ato de ter um sentimento de pertença a um grupo por vínculos étnicos, linguísticos e históricos, que reivindica o direito de formar

a exerça, sem restrição. Por outras palavras, os escritores africanos queriam um governo liderado por um africano para conduzir os africanos e, para tal, foi necessário oporem-se veementemente à administração colonial. Este desejo foi demonstrado em quase todas as obras escritas (prosa e lírica) pelos escritores africanos dessa época. Por exemplo, *The Old Man and the Medal*, *Weep not Child*, *A Walk in the Night*, *A Question of Power*, *A Cidade e a Infância*, *Zambia Shall be Free*, *The Detainee*, *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, *Stone Country*, *Rebel*, entre outros. O que é comum nessas obras é a luta contra o sistema colonial, denunciando a injustiça do colonialismo e manifestando o desejo de independência nas colónias anglófonas, francófonas e lusófonas.

É importante salientar as atividades dos *Anti – Colonial Pressure Groups* de que fazem parte alguns escritores dessa época. Os *Anti-Colonial Pressure Groups* reuniam os primeiros escritores africanos que se manifestavam contra o sistema de administração e seus abusos (exploração económica, desrespeito e menosprezo para com a tradição indígena e seu sistema sociocultural e político, a discriminação e injustiça contra os africanos que não tinham as mesmas oportunidades de obter emprego na administração pública). Alguns desses grupos são os seguintes: Aborigines Rights Protection Society<sup>12</sup> (ARPS), The West African Student Union<sup>13</sup> (WASU) e the West African Youth League (WAYI)<sup>14</sup>.

**4. Fase da Tristeza na era Pós Colonial<sup>15</sup>:** é a que ocorre depois da independência, quando os africanos tomam consciência da exploração do seu povo pelos seus irmãos de cor. Neste período, ao contrário do que ao longo tempo se esperava, em vez de crescimento cultural, económico e sociopolítico, constataram-se grandes falhas na governação feita pelos africanos e verificou-se, deste modo, que as expectativas dos escritores africanos haviam sido defraudadas. Frustrados e desiludidos, esses escritores lançaram críticas aos governantes, através das suas obras, responsabilizando-os pela situação vigente. Este

---

uma nação autónoma.

- 12 Tinham como objetivo travar os homens de negócios europeus sem escrúpulos e o governo colonialista que havia privado os africanos do seu património e riquezas. Esta associação foi criada na Costa Dourada, no Gana, pelos africanos instruídos e líderes tradicionais, para protestarem contra um decreto-lei promulgado pelo governo colonialista.
- 13 Esta associação foi fundada, no ano de 1925, sob a liderança de um escritor, Joseph Casely Hayford. Tal associação servia como elo de ligação entre os estudantes africanos na Europa, formadores de correntes de pensamento em África e entre os membros deputados ingleses que simpatizavam com os problemas sociopolíticos, que os africanos enfrentavam em África.
- 14 Foi criada na Serra Leoa, no ano de 1935, pelo escritor, jornalista e nacionalista, I.T.A. Wallace-Johnson. O seu desejo principal naquela altura era a independência imediata para todos os territórios africanos. No ano de 1936, deslocou-se à Costa Dourada, no Gana, onde criou vários sindicatos de trabalhadores, professores, comerciantes, agricultores e de outras atividades profissionais. Dois anos mais tarde, em 1938, ele veio a ser deportado sem qualquer justificação. Mas, através dos seus esforços e das suas atividades, os africanos lograram conseguir melhores condições do trabalho, sobretudo, indemnizações por acidentes sofridos nos locais do trabalho.
- 15 Há casos que não são assim. Cabo Verde pode ser um bom exemplo, onde houve uma melhoria significativa das condições de vida da população. É opinião unânime que o povo das ilhas, desde a independência, tem aproveitado da melhor forma todos os recursos postos à sua disposição (económicos, materiais, educativos).

sentimento de frustração foi sentido pela população em geral. Mas os escritores, como porta-vozes dessas populações, não têm calado o seu protesto, de modo alegórico ou direto. Em romances como *Terra Sonâmbula* (1992) e *O Último Voo do Flamengo* (1996) de Mia Couto, *Mayombe* (1980) de Pepetela, só para falar na literatura africana em língua portuguesa<sup>16</sup>, tem sido feita uma denúncia sistemática da corrupção e do oportunismo que grassam ao nível das classes dirigentes dos respetivos países<sup>17</sup>.

Já foram vários os papéis atribuídos ao escritor numa sociedade. Tem sido considerado educador, cronista, homem de visão e agente de mudança. Cronista, porque nos dá um relato do quotidiano, mesmo que ficcionado, mas como sabemos, em literatura, a ficção toma o lugar da realidade a que se refere para sugerir que esta podia ser diferente. Enquanto visionário, o escritor não se contenta com a realidade do seu quotidiano, ele anseia, promete e leva-nos a acalentar o sonho de visões futuras de maior esperança, de um tempo novo que supere a insatisfatória contingência do presente. E neste sentido, os escritores africanos foram cronistas do seu tempo e semeadores de esperança numa realidade outra, pois, com a sua crítica, têm almejado mudar o presente estado da situação social e política dos seus respetivos países. Estes papéis aqui claramente evidenciados corporizam bem as tendências observáveis nas obras dos autores africanos.

### **Literatura Africana, Pensamento Pós-Colonial e a Influência da Teoria Pós Colonial**

O que é conhecido no mundo anglo-saxónico como «os estudos pós-coloniais» e «teoria pós-colonial» é caracterizado pela sua heterogeneidade. Deste modo podemos afirmar que o que constitui a sua originalidade, não se pode ser facilmente resumido numa fórmula simples. Talvez seja melhor começarmos por esclarecer que estes dois termos não significam uma representação grotesca nem têm nada a ver com o conceito do «terceiro-mundismo» projetado por uma escola de pensamento francês. Em rigor, eles representam uma maneira de pensar que deriva de várias fontes e estão longe de ser parte de um sistema porque até certo ponto vão adquirindo significado a medida que vão sendo utilizados e confrontados com realidades que também são evolutivas. Por um lado, estes dois conceitos, na sua génese, derivam das lutas anticoloniais e contra o imperialismo eurocêntrico, mas por outro lado, também estão embebidos de conceitos de liberdade do pensamento

---

16 Veja-se *The Man of the People* de Achebe Chinua, *The Beautiful Ones Are Not Yet Born* de Armah na literatura africana em língua inglesa e *La Grève des Bâttu (The Beggars' Strike)* de Sow Fall Aminata em língua francesa.

17 No romance *O último voo do flamingo* de Mia Couto, o administrador Jonas desvia o gerador do hospital para seu uso privado, enquanto a primeira-dama, sua esposa, dona Ermelinda se apodera, para proveito próprio, de equipamento público, como por exemplo, frigorífico, fogão, camas, etc., que equipavam as enfermarias. Quando as notícias sobre o sucedido saíram no jornal, o administrador apenas utilizou o ditado popular «cabrito come onde está amarrado» (Mia Couto, *O Último Voo do Flamengo*, Lisboa, Caminho, 2002, p.20) como forma de, supostamente, legalizar aquela situação. No mesmo romance, observamos que os dirigentes políticos não se importam com os problemas do povo. «*Queriam mandar sem governar; queriam enriquecer, sem trabalhar*». Só roubaram as terras aos camponeses, que foram desalojados por causa da guerra no seu país, após a independência.

humanístico do ocidente. Deste modo, trata-se de uma forma de pensamento mesclado ou fragmentário, o que lhe dá força e fraqueza ao mesmo tempo. Mas apesar da sua natureza conflituante, há certos números de argumentos que distinguem claramente a atitude e o propósito dos estudos pós-coloniais e que fazem com que eles representem uma forma alternativa de pensamento na maneira como analisamos a literatura africana na atualidade.

Deste modo, a teoria pós colonial é de grande utilidade para o estudo do que é literatura africana e para a leitura das muitas obras dos escritores africanos. Nas obras “*The Empire Strikes Back with a Vengeance (1982)* de Salman Rushdie, e *The Empire Writes Back (1989)*, *Theory and Practice in Post-Colonial Literature* de Bill Aschroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (1998), advoga-se que as literaturas ditas periféricas, designadamente as de África, da América do sul, da Ásia, afirmam cada vez mais qualidades que impõem o seu direito de pertencerem ao centro. Em certa medida, assiste-se agora a uma espécie de vingança, já que estas literaturas que anteriormente foram rejeitadas pelo cânone ocidental, sendo-lhes então atribuído um estatuto de menoridade, manifestam agora uma riqueza de contributos que permite a renovação do cânone tradicional já esgotado.

As obras de Franz Fanon *Black Skin, White Masks*<sup>18</sup> e *The Wretched of the Earth* (1961), bem como a de Edward Said, *Orientalismo* (1990) foram marcos decisivos, embora em contextos históricos e geográficos diferentes, para o crescimento de estudos teóricos e críticos sobre o pós-colonialismo, e as suas ideias influenciaram outros escritores e intelectuais na diáspora que tiveram o intuito de produzir uma crítica pós-colonial a partir das perspetivas dos antigos países colonizados. Os estudos pós coloniais caracterizam-se pela sua interdisciplinaridade cruzando os estudos literários com as ciências sociais e os estudos culturais. É o que sucede nas obras de Edward Said, *Culture and Imperialism* (1993), e Homi Bhabha, *The Location of Culture* (1994), por exemplo.

A nossa definição<sup>19</sup> de «pós-colonial» não significa «pós-independência» ou um período que se siga ao colonialismo, pois a noção que daí adviesse imputaria um ponto

---

18 *Black Skin, White Masks* explora a própria vida e obra de Frantz Fanon. A sua obra não se limita a examinar as teorias de identidade e raça. Esta obra foi escrita em França e é uma análise dos efeitos da colonização na raça negra. Aqui Fanon examina o papel das línguas estrangeiras na opressão do povo colonizado. Isto porque, para ele, falar uma língua ocidental, significa aceitar ou ser forçado a aceitar a ideologia coletiva ocidental, que retrata a raça negra como sinónima de maldade e pecado. Este livro pode ser considerado como um manifesto ou uma análise porque apresenta a experiência pessoal de Fanon como um intelectual negro num mundo controlado pelos homens brancos. Recorrendo a explicações influenciadas pela psicologia, o autor trata o modo como a relação de dominação entre o colonizador e o colonizado é estabelecida. Devido à sua formação cultural feita no estrangeiro (educação ocidental), o jovem Fanon considerava-se ele próprio francês, mas sentia o choque da desilusão depois de ter sido menosprezado pelo facto de ser um homem negro na sociedade francesa. A experiência de vida influenciou fortemente as suas teorias psicológicas sobre culturas. Apesar de ter tido uma vida curta, e tendo-se em conta a sua importância para os estudos pós-coloniais, podemos dizer que as suas obras deram um imenso contributo para os estudos pós-coloniais, porque são fonte de inspiração para escritores como Homi Bhabha, Ngugi e Edward Said, entre muitos outros. Após a sua morte, todas as suas obras foram traduzidas para várias línguas do mundo.

19 Vijay Mishra & Bob Hodge num ensaio intitulado «*What is Post-colonialism?*» in *New Literary History* (Critical & Historical Essays) Volume 36, Number 3, Summer 2005, pp. 375-401, afirmam que o «Pós-colonialismo» (*post-colonialism*), termo que passou a incluir o seu outro substantivo sem o hífen (póscolonial), é um vocábulo problemático, quer visto de perto, do interior da área que ele designa e que tem apenas

final no processo de colonização. Pelo contrário, «o pós-colonialismo tem início logo no primeiro momento do contacto colonial. Trata-se de facto da reação oposicional que o colonialismo gera imediatamente» (Aschroft 1989, 2). Neste sentido, a obra relativa ao pós-colonialismo é bastante vasta. No entanto, podemos afirmar que o aumento do interesse teórico pelo pós-colonialismo coincidiu com a ascensão do pós-modernismo na sociedade ocidental (Appiah 1997) o que levou a confusões e sobreposições ideológicas entre ambas<sup>20</sup>.

Manuela Ribeiro Sanches (2005, 8-9) observa a teoria pós-colonial como dois lados de uma mesma moeda, a partir de dois pontos de vista – nomeadamente a perspetiva europeia e a perspetiva exterior à europeia. Segundo esta abordagem, o pós-colonialismo não corresponde tanto ao fim de colonialismo como a uma nova leitura do presente e do passado, como uma outra forma de ver baseada em subjetividades e narrativas antes oprimidas e que agora podem denunciar a violência da colonização segundo um ponto de vista alternativo.

Após estas breves considerações introdutórias podemos dizer que a crítica pós-colonial opera a vários níveis. Por um lado, como Edward Said (1978) o faz na sua conhecida obra *Orientalism*, o pensamento pós-colonial desconstrói o texto colonial e os seus pressupostos, isto é, toda a sua estruturação mental preconceituosa e paternalista, bem como as formas simbólicas e representações mentais em que se baseia um projeto de dominação imperial. O pensamento pós-colonial desmascara as potencialidades do texto colonial, as falsidades aí veiculadas e o peso de certas fantasias funcionais sem as quais o colonialismo enquanto sistema histórico não teria sido capaz de se autopromover e vigorar. Este desmascaramento pós-colonial permite revelar ao mundo que aquilo que passou por ser humanismo europeu em missão civilizadora, foi de facto, nas colónias, uma duplicidade discrepante entre elevados propósitos e práticas agrilhoantes. Neste sentido, a colonização nunca deixou de mentir a si mesma e ao mundo. Como Frantz Fanon (1952) denuncia tão explicitamente em *Black Skin White Masks*, aqueles que racializaram a condição de colonizados foram também os mentores de uma economia de duplicidade e de uma mundividência de falsidades. Mas o pensamento pós-colonial põe a nu que a discriminação racial implícita no procedimento colonial comprometeu, sem remissão, os grandes desígnios do humanismo europeu. E por isso, a grande aspiração do pensamento pós-colonial é procurar saber e revelar ao mundo o que é viver sob pressão colonial, que tipo de vida é que um tal regime permite e que tipo de morte propõe. O pensamento pós-colonial revela que há no humanismo colonial europeu algo que tem de ser designado por ódio inconsciente a si mesmo. E neste quadro mental o racismo em geral e o racismo colonial em particular representam a transferência desse ódio de si mesmo ao outro.

---

vinte e seis anos, quer visto de longe. Dentro da sua área o termo é tão omnipresente que parece existir desde sempre; e, no entanto, é visivelmente difícil defini-lo, assente como está naquele poderoso hífen.

20 Para um entendimento fundo da poscolonialidade como lugar de dissolução e de contestação das «próprias classificações e divisões que produziram» o género e as suas leis, ver Peter Hitchcock, «The Genre of Postcoloniality», *New Literary History*, 34, 2003, p. 299 -330.

O humanismo e o universalismo europeus ficam irremediavelmente desmascarados quando se faz o confronto entre o que foi a escravatura na plantação colonial e as grandes ideias de liberdade, igualdade e fraternidade propaladas na Europa. Neste sentido, o pensamento pós-colonial faz a crítica da força bruta que, mesmo tendo como horizonte grandes ideais, é incapaz de se regenerar.

A um outro nível de crítica o pensamento pós-colonial questiona a ilusão do Ocidente de que ele é o grande referencial e que tudo o mais gira à sua volta. A imposição dos valores do Ocidente fará com que os colonizados venham a ter uma identidade que decorre da violação e apagamento dos seus valores próprios e uma reescrita de si mesmos enquanto indivíduos. Esta reescrita ou reformulação de identidade faz-se por coerção, a maior parte das vezes, mas também por uma concordância conscientemente cúmplice daqueles que desejam ser assimilados e alcançar assim inscrição num patamar de identidade que se lhes afigura mais atraente. A identidade do colonizador e a do colonizado vem a ser feita de interseções culturais. Por isso o pensamento pós-colonial também procura analisar esta vasta área de ambivalência de valores culturais e estéticos que se interligam e encadeiam de modo um tanto paradoxal, já que colonizador e colonizado são, antes de mais, elementos conflituantes. Mas a proximidade ditada pelo convívio, mesmo sendo um deles dominador e o outro o dominado, não deixa de admitir a possibilidade de reconhecimento do outro, como entidade própria, nem que seja pela relação de diferença. E o pensamento pós-colonial anseia por que no futuro se faça também o reconhecimento do outro como ente fundamentalmente humano, em paridade. Este era um desígnio implícito na obra de Fanon, Cesaire, Senghor, de Edward Said e Paul Gilroy.

A força do pensamento pós-colonial reside precisamente na crença que acalenta e no postulado por que se guia de que o verdadeiro saber é aquele que busca transformar o mundo. O modo determinado desta forma de pensar acredita e defende que a dialética do senhor e escravo, do colonizador e nativo pode ser superada e busca inspiração, de modo paradoxal, nos grandes ideais euro-americanas da liberdade, fraternidade e igualdade, que também critica por serem mais formulações teóricas do que expressão prática. Esta corrente de pensamento teve como mentores autores e políticos de formação francófona como Fanon, Cesaire e Senghor, e tem hoje maior divulgação através de instituições académicas inglesas e americanas. O surgimento e afirmação do pensamento pós-colonial é a história de um empenhamento já longo, em que se podem assinalar três momentos capitais. Os confrontos anticoloniais foram o ponto de partida para uma reflexão dos colonizados sobre a sua dupla condição de «nativos» e «cidadãos» do império. Esta reflexão levou ao desejo de um autonomia pessoal que lhe permitisse serem capazes de afirmar o seu «eu» individual, adquirirem o estatuto de cidadão de pleno direito e participarem na vivência universal. Os autores negros francófonas já referidos e reconhecidos como os grandes referenciais deste primeiro momento, e a que se podem juntar muitas outras figuras, romancistas e líderes políticos emancipalistas tais como Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Luandino Vieira, Herbert Macaulay, Kwame Nkrumah e Jomo Kenyatta, vieram a escrever os textos canónicos da África deste período.

O segundo momento importante de afirmação do pensamento pós-colonial ocorre por volta de 1980. É o momento da grande teorização que culmina com a publicação da principal obra Edward Said, *Orientalism* (1978). Este palestino, sem país que configure essa nacionalidade, foi quem lançou às bases do que gradualmente viria a corporizar-se como «teoria pós-colonial». Uma forma alternativa de conhecimento sobre o que é a modernidade e também uma disciplina académica autónoma. Um dos contributos decisivos de Said foi mostrar, em oposição aos postulados Marxistas então prevalecentes, que o colonialismo não era redutível a um simples sistema económico-militar mas se fundava sobretudo numa infraestrutura discursiva, num conjunto de noções inculcadas que se assumiam como o epistema estruturante da dominação colonial. A análise da infraestrutura discursiva e do pensamento colonial tornar-se-iam, a partir de então, a grande questão e assunto principal da teoria pós-colonial e motivo de crítica dos intelectuais Marxistas e internacionalistas.

Foi nos anos de 1980 que se procurou estabelecer contactos entre o pensamento pós-colonial e outras correntes de pensamento autónomo que surgidas noutras áreas geográficas como designados estudos subalternos, uma perspectiva de análise crítica da história que se desenvolveu na Índia. Esta escola de estudos subalternos elaborou uma crítica à historiografia colonial tentando ao mesmo tempo recuperar, em termos históricos, a voz e as capacidades daquelas que sempre haviam sido silenciadas e se mantinham como refúgio da sociedade (camponeses, mulheres, os intocáveis do sistema de castas indiano, os deserdados de todo o tipo), através de uma releitura seletiva dos ensinamentos Marxistas (como foi o caso particular de Dipesh Chakrabarty em *Provinciizing Europe*). Então, nessa década de 1980 também se gerou uma corrente afro-moderna de pensamento que se desenvolveu na Costa Atlântica de África e que tornou como campo de estudo essa grande área transnacional. Exemplo emblemático desta corrente de pensamento é Paul Gilroy e a sua obra *The Black Atlantic*. A preocupação central dos proponentes da corrente de pensamento afro-moderno é a reescrita das múltiplas histórias da modernidade e a análise dos fatores raciais e sociais que em África ou na diáspora levam a situações de subjugação humilhante, impedindo que muito africanos não tenham acesso ao estatuto de sujeito da história. Este confinamento de uma raça a uma condição de minoridade ao longo da história e que fez com que o próprio sujeito duvidasse das suas capacidades e interrogasse quanto à sua própria identidade já havia sido anteriormente estudado por W.E.B. Dubois (1903), autor de *The Soul of Black Folks*, obra que problematiza a questão da «dupla-consciência» dos negros, quanto àquilo que eles são e como são vistos pelo outro. Estas correntes de pensamento e estes diferentes autores buscam unanimemente a libertação do pensamento e da memória do que foram as condições degradantes que subjugaram os povos do Terceiro Mundo, África, Índia e também os afro-americanos, afro-britânicos e caribenhos. Esta breve referência a proponentes da corrente de pensamento pós-colonial serve para indicar que este movimento de ideais é feito com o contributo diverso de intelectuais dispersos, o que lhe confere uma presença geográfica esparsa, e por isso abrangente mas também fragmentada. Contudo espera-se que a sua influência seja crescente e progressivamente mais sedimentada já que o pensamento pós-colonial

é, em si mesmo, o produto da circulação de conhecimento entre diferentes continentes e faz o cruzamento de diferentes tradições anti-imperiais. É pois como um rio cujo caudal engrossa com o tributo de vários afluentes. O que lhe dá particular importância nas universidades de língua inglesa não é só a sua abordagem racial e eclética, mas também e sobretudo o facto de os estudos pós-coloniais terem conseguido descentrar os estudos humanísticos. Graças ao seu sincretismo antissistémico, à sua síntese criativa, recorrendo a métodos híbridos de análise e a uma insistência no pluralismo epistemológico, os estudos pós-coloniais permitiram trazer novas questões e outras formas de conhecimento à academia das letras ocidentais.

O terceiro momento importante no percurso de desenvolvimento e afirmação do pensamento pós-colonial está marcado pelo recente fenómeno da globalização e pela sua importância atual em todas as áreas de atividade dos povos e nações, desde um maior movimento de trocas comerciais às culturais. Neste sentido, a crítica que pode ser veiculada pelo texto literário também ganhou com uma maior área de expansão. E a reflexão crítica que caracteriza o pensamento pós-colonial também pôde denunciar, de um modo mais abrangente e radical, as formas contemporâneas de instrumentalização da vida ligadas ao capitalismo, o qual veio a apresentar efeitos nefastos mais visíveis agora do que quando era referido como sistema de dominação de áreas de produção de riqueza mais circunscritas, tais como a fábrica, a plantação, a colónia.

Este momento da era pós-colonial, em que todo o mundo está mais próximo e tem a possibilidade de melhor conhecer e partilhar um movimento de novas ideias que se vão afirmando, é por isso mesmo, um tempo de esperança na construção de um mundo mais igualitário, mais humano para todos. O pensamento pós-colonial advoga pois que é preciso reinventar uma nova ordem de relações entre os povos, entre os homens, entre homens e mulheres. O modo como a África do Sul se libertou do apartheid e este novo país evitou reeditar uma ação violenta para vingar o sangue derramado mostrou ao mundo que para se reinventarem novos e necessários relacionamentos sociais é preciso não nos limitarmos a repetição de estafados esquemas de dominação. Esta é a lição que o pensamento pós-colonial retém e procura difundir neste mundo globalizado e por isso com possibilidades de mais ampla difusão de ideias. A reinvenção da política na situação pós-colonial exige pois que as pessoas quebrem de vez a lógica que tem presidido ao ciclo de vingança violenta entre os que foram subjugados e que deixando de o ser, podem depois subjugar os seus anteriores opressores, resguardados pela força que sempre, pretensamente, legitima uma nova ordem revanchista. Deste modo, a luta para superar a ordem inumana das nossas relações, a nível global, passará pelo enaltecimento de outros valores mediante a valorização daquilo que não pode ser molestado. Por isso o pensamento pós-colonial se bate pela dignidade que é prerrogativa de todos, que é direito inquestionável e, nesse sentido, valor sagrado, inalienável, por conter em si, ao ser devidamente considerado o poder terapêutico de trazer esperança a um contexto histórico em que a violência denegriu o outro e fez com que ele viesse a ter a aceitação como ser desprezível, indigno.

É este discurso sobre indignidade, muitas vezes interiorizada pelos próprios, que terá de ser combatido pela consciência geral daquilo que deve ser tido como sagrado, parte

intrínseca de todos. Essa retoma da consciência do valor individual de cada um como ser de Deus, permitira então que quem anda ajoelhado «se levante e ande». Só a ascensão da humanidade inteira a esta consciência do elevado valor humano de todos permitirá o diálogo em paridade de pessoa para pessoa e impedirá finalmente que uns sejam sujeitos de pleno direito e outros meros objetos às suas ordens.

As lutas de libertação em África, na Índia ou na América e os líderes que as protagonizaram foram pessoas que se transformaram em heróis quando eles mesmos se autotransformaram ao tomarem consciência plena da sua dignidade inalienável enquanto pessoas. Esse é o testemunho a seguir, e que nos foi legado por Mahatma Gandhi, Martin Luther King ou Nelson Mandela, Obafemi Awolowo, Nnamdi Azikwe, Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Senghor entre outros. Rejeitando a política de vingança, eles afirmaram ao mundo, com o seu exemplo de vida, que o caminho de reconciliação justa se sobreponha ao da violência opressora, inumana.

### **Teoria Pós-Colonial e Crítica das Falsas Noções de Universalismo**

Como referimos anteriormente, a teoria literária pós-colonial emerge da incapacidade da teoria literária euro-americana em superar falsas noções de «*Universal*». Este facto faz com que este falso conceito de universalismo seja alvo de atenção e particular interesse por parte dos escritores africanos pós-coloniais, por causa da noção implícita, nesse conceito, de uma natureza humana supostamente unitária e homogénea, que marginaliza e exclui características distintivas como as existentes nas sociedades pós-coloniais.

A teoria pós-colonial opõe-se a este conceito, pois embora aceite que a experiência do colonialismo tenha sido uma vivência histórica partilhada pela humanidade, considera que as realidades culturais das sociedades pós-coloniais africanas podem ser muito diversas. O apagamento de diferenças culturais torna-se, deste modo, um efeito determinado pelo modo como se exerce a crítica literária europeia, uma vez que o apelo por ela feito à condição essencialmente humana dos leitores parte de uma construção elaborada em função do valor e significado da obra literária, tida como expressão de um universalismo incontestado, à partida.

Por esta razão, é-nos dito, com frequência, que o que fez de *Goethe*, *W. Shakespeare*, *G.B. Shaw* ou *T.S. Eliot* grandes escritores foi a sua capacidade de revelarem aspetos essenciais da condição universal do homem, considerada como um todo homogéneo. Deste modo, essa dita universalidade da obra dos escritores ocidentais tem sido invocada em discussões literárias no mundo anglófono e no ocidente, em geral, como marca da sua estatura e seriedade literária. Este mito de universalidade literária é pois uma estratégia fundamental do controle imperial, através do modo como nos é manifestado nos estudos literários tradicionais e esta é a razão por que este conceito merece a nossa atenção logo no início deste ensaio.

O universalismo eurocêntrico é criticado pelo pensamento pós-colonial, antes de mais, pela violência que está inerente a qualquer forma de imposição de algo a outrem, para quem o que é imposto é algo que lhe é estranho ou descontextualizado. E, além disso, observando-se o processo histórico constata-se um grande hiato entre a filosofia e a

moral dos países europeus e os resultados práticos, políticos e sociais da colonização de outras culturas. É um facto demonstrado pela análise histórica que a fé na grandeza do homem, propalada pelo pensamento europeu, não veio a ter correspondência com o que foi o relacionamento dos colonizadores para com os povos colonizados. E em reação ao que efetivamente foi a vida sofrida dos povos colonizados, o pensamento pós-colonial, desde sempre, aspirou a uma fraternidade universal que emergiria quando os traços de desumanidade impostos pelo colonialismo e pela diferença racial tivessem sido definitivamente banidos.

George Lamming (1960) no seu ensaio «The Occasion for Speaking» chama a nossa atenção para a afirmação feita por Hegel de que os africanos estão, de certo modo, fora da história, de que a África não faz parte da história do mundo. Isto acontece porque a História é aquilo que é contado pelo mundo «civilizado» e só quando esse discurso tem de ser «apropriado» por outras culturas é que o conceito vigente de história se torna questionável e então a dita condição universal da humanidade se revela bem mais heterogénea.

Charles Larson (1971) em *The Emergence of African Fiction* também nos dá conta de alguns aspetos bem reveladores do tipo de universalidade que estamos a questionar. Ao comentar um capítulo dedicado ao romance de Lenrie Peter, que achou muito esclarecedor relativamente a este conceito de universalidade e à pouca atenção que ele tem para com África, Charles Larson afirma o seguinte:

That it is set in Africa appears to be accidental, for, except for a few comments at the beginning, Peters's story might just as easily take place in the southern part of the United States or in the southern regions of France or Italy. If a few names of characters and places were changed one would indeed feel that this was an American Novel. In short, Peters's story is universal. (Larson 1971, 230)

De acordo com Chinua Achebe (1987), o mito da universalidade tem um efeito pernicioso no modo como se faz a crítica literária colonial, a qual busca denegrir o texto pós-colonial com base na presunção de que a homogeneidade europeia é universal. Mas até uma breve análise a essa dita «condição humana universal» nos remete para uma infundável teia urdida com base em especificações provisórias, onde mesmo os traços supostamente essenciais da condição humana se tornam questionáveis, contingentes.

Assim, a afirmação de um pretensão universalismo é um traço definidor do modo como se constrói o poder colonial, porque as ditas características «universais» da humanidade são as características daqueles que ocupam posições de dominação política. Com o conceito de universalismo, as pessoas que são «humanas» são estas, são elas que legitimam a história ao modo como dominam o mundo. E porque a língua é discurso do poder, uma vez que é ela que veicula os termos e as formalizações que estruturam o mundo e a realidade tal como a conhecemos e aceitamos, noções como esta de universalidade, tal como o modo como ela é verbalizada e instituída podem tornar-se imperialistas. O discurso que usamos implica determinados pressupostos sobre a nossa visão da história e modo de ver o mundo.

## A Influência do Conceito do Universalismo e Pós-Colonialismo na Literatura Africana Contemporânea

Num ensaio apresentado durante um seminário promovido pela *Association for Commonwealth Literature and Language Studies* em Makarere University no Uganda, no ano de 1974, Chinua Achebe (1988) criticou fortemente a opinião de Charles Larson (1971), afirmando que:

I should like to see the word ‘universal’ banned altogether from discussion of African literature until such a time as people cease to use it as synonym for the narrow, self-serving parochialism of Europe, until their horizon extends to include all the world (Achebe 1988, 33)

Por sua vez Joseph Okpaku (1969) partilha esta opinião de Achebe ao declarar neste modo:

The present practice of judging African literature by Western standards is not valid; it is also potentially dangerous to a development of African arts. It presupposes that there is one absolute artistic standard and that, of course, is the Western standard. Consequently, good African literature is taken to be that which most approximates to Western Literature. (45)

Noutro ensaio, *Morning Yet on Creation Day*, Achebe (1975) rejeita furiosamente o conceito de universalidade. E faz uma pergunta: “Am I being told for Christ’s sake that before I write about any problem I must first verify whether they have it too in New York, London, Lisbon, Spain and Paris?” (50). A sua resposta é sem dúvida, não. A universalidade diz respeito ao grau em que uma dada obra penetra na essência da condição humana, no seu próprio contexto. Na realidade, ser verdadeiramente universal implica ser verdadeiramente local. Retratar a particularidade do espaço nigeriano é captar profundamente a realidade humana (universal) como ela existe neste contexto.

Numa análise crítica também feita em *Okike*, Omolara Leslie, uma crítica nigeriana feminista, ridiculariza da fê triunfante daqueles que afirmam que, por força deste universalismo, «lá no fundo, somos todos americanos». Seria como se, pela natureza própria das coisas, a obra dos escritores ocidentais estivesse automaticamente imbuída de universalidade. Só os outros autores, os não ocidentais, precisariam de se esforçar para alcançar essa qualidade universal. Tudo isto como se a universalidade fosse algo distante mas que poderia ser alcançado se tomássemos a direção da Europa ou da América, isto é, se nos descaracterizássemos, se puséssemos uma distância adequada entre o que somos e o que pretendemos mostrar ser.

Por este conjunto de razões seria recomendável que a palavra «universal» fosse completamente banida das discussões sobre Literatura Africana, para que se chegue ao dia em que este termo deixe de ser usado como sinónimo de uma visão tacanha e paroquial que o Ocidente ainda tenha do mundo e que então este conceito possa vir a ter uma abrangência verdadeira mundial. Se a crítica colonial fosse algo meramente irritante duvidamos que ela merecesse que lhe fosse dedicado o labor de um ensaio. Mas, por estranho que pareça, algumas das suas ideias e noções continuam a influenciar os escritores africanos, pois é um facto que na atualidade os poderes de formatação do pensamento emanados do

Ocidente ainda se exercem de modo decisivo na atribuição e determinação de valores, méritos e conceitos que prevalecem à escala mundial.

### **Bibliografia**

- Achebe, Chinua. 1973. "The Role of the Writer in a New Nation". *African Writers on African Writings*. G.D Killam ed. London: Heinemann.
- Achebe, Chinua. 1966. *The Man of the People*. London: Heinemann.
- \_\_\_\_\_. 1988. *Hopes and Impediments: Selected Essays 1965-87*. London: Heinemann.
- \_\_\_\_\_. 1975. *Morning Yet on Creation Day*. London: Heinemann.
- Amuta, Chidi. 1998. *The Theory of African Literature, Implications for Practical Criticism*. London: Zed Books Ltd.
- \_\_\_\_\_. 1989. *Towards a Sociology of African Literature*. Oguta: Zim Pan-African Publisher.
- Armah, Ayi Kwei. 1998. *The Beautiful Ones Are Not Yet Born*. London: Heinemann.
- Appiah, Kwame A. 1997. "Is the 'Post-' in 'Postcolonial' the 'Post-' in 'Postmodern'?". In *Dangerous Liaisons*. Anne McClintock, Aamir Mufti, Ella Shohat (eds. and introd.), 420-444. MN: University of Minnesota Press.
- Ashcroft, Bill et al. eds. 1989. *The Empire Write Back: Theory and Practice in Post-colonial Literatures*. London: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 1998. *The Post Colonial Studies Reader*. London: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 1998. *Key Concepts in Post-Colonial Studies*. London: Routledge.
- Bamisile Sunday Adetunji. 2006. «O Engajamento Sócio-Político das Literatura(s) Africana(s) através de José Luandino Vieira e Chinua Achebe em Luanda e Anthills of the Savannah». Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- \_\_\_\_\_. 2008. "The Socio-Cultural Commitment in *Things Fall Apart*". *Africana Studia Revista Internacional de Estudos Africanos*. Centro de Estudos Africanos Universidade do Porto. Nº 11: 251-264.
- Bhabha, Homi. K. 1994. *The Location of Culture*. New York: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 1999. "Remembering Fanon: Self, Psyche and the Colonial Condition". *Remembering Fanon. The Continuing Dialogue*. Edited by N.C. Gibson, 179-106. Amherst, NY: Humanity Books.
- Chinweizu et al. 1980. *Towards the Decolonization of African Literature*. Enugu: Fourth Dimension.
- Couto, Mia. 1992. *Terra Sonâmbula*. Lisboa: Caminho.
- \_\_\_\_\_. 1996. *Cada Homem É Uma Raça*. Lisboa: Caminho.
- \_\_\_\_\_. 1998. *A Varanda do Frangipani*. Lisboa: Caminho.
- Donatus, I. Nwoga, ed. 1967. *West African Verse*. Harlow Essex U.K: Longman.

A Influência do Conceito do Universalismo e Pós-Colonialismo  
na Literatura Africana Contemporânea

- Dubois, W.E.B. 1989. *The Soul of Black Folks* New York: Penguin.
- Edgar Wright ed. 1973. "Critical Procedures and the Evaluation of African Literature". *The Critical Evaluation of African Literature*, 23-36. London: Heinemann.
- \_\_\_\_\_. 1967. "African Literature 1: Problems of Criticism". *The Journal of Commonwealth Literature*. Sage Publication. Vol. 2. March 1967 (2): 103-112
- Ekwensi, Cyprian. 1964. "African Literature". *Nigeria Magazine*. Lagos° 83, Dec. 85-96.
- Fall, Aminata Sou. 1979. *La Grève des Bâttu ou les déchets humains*. Dakar: Les Nouvelles éditions africaines.
- Flint, J. E. 1966. "Chartered Companies and the Scramble for Africa" in Joseph. C. Anene & Godfrey Brown (eds). *Africa in the Nineteen and Twentieth Centuries*. Ibadan: Ibadan University Press.
- Franzt, Fanon. 1952. *Black Skin, White Masks*. New York: Grove, 1967. Reprint of *Peau Noire, Masques Blancs*. Paris.
- \_\_\_\_\_. 1961. *The Wretched of the Earth*. Harmondsworth: Penguin Book.
- Gilroy, Paul. 1993. "The Black Atlantic as a Counterculture of Modernity". *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. London and NY: Verso.
- Hall, Stuart. 1996. "The after-life of Frantz Fanon: Why Fanon? Why now? Why *Black Skin, White Masks*". *The Fact of Blackness: Frantz Fanon and visual Representation*. Edited by A. Read, 12-37. London and Seattle: Institute of Contemporary Arts Institute of International Visual Arts, Bay Press.
- \_\_\_\_\_. 1992. "The West and the Rest," in *Formations of Modernity*. Org Stuart Hall, Bram Gieben, 275-335. Polity Press, The Open University.
- Hall, Stuart. and Mark Sealy. 2001. *Different*. London and New York: Phaidon.
- Hans Zell et al. 1971. *A Reader's Guide to African Literature*. New York: African Publishing Corporation.
- Heywood, Christopher, ed. 1971. *Perspectives on African Literature*. London: Heinemann.
- Hitchcock, Peter 2003. "The Genre of Postcoloniality" in *New Literary History* 34, 299-330. Maryland: The Johns Hopkins University Press.
- Irele, Abiola. 1981. "The Criticism of Modern African Literature". *The African Experience in Literature and Ideology*. London: Heinemann.
- La Guma, Alex. 1969. *A Walk in the Night*. London: Heinemann.
- \_\_\_\_\_. 1977. *Stone Country*. London: Heinemann.
- Lamming, George. 1971. "The Occasion of Speaking". *The Pleasure of Exile*. London: Michael Joseph.
- Larson, Charles. 1971. *The Emergence of African Fiction*. Indianapolis: Indiana University Press.

- \_\_\_\_\_. 1998. "Heroic Ethnocentrism, The Idea of Universality in Literature". In Ashcroft, Bill et al. eds. *The Post Colonial Studies Reader*, 62-65. London: Routledge.
- Laye, Câmara. 1969. *The African Child*. London: Heinemann.
- Leite, Mafalda Ana. 2003. *Literaturas Africanas e Formulações Pós coloniais*. Lisboa: Edições Colibri.
- Lindfors, Bernth et al. 1972. *Palaver; Interviews with Five African Writers in Texas*. Texas: African and Afro-American Research Institute.
- Maduka Chidi.T . 1981. *The African Writer and the Drama of Social Change*. Ariel.12.3:5-18
- McClintock, Anne. 1993. "The Angel of Progress: Pitfalls in the term 'Postcolonialism'". *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: A Reader*. Patrick Williams and Laura Chrisman (eds). Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheat Press.
- Moore, Gerald, ed. 1965. *African Literature and the Universities*. Ibadan: Ibadan University Press.
- Mukherjee, Arun. 1990. "Whose Post-colonialism and whose Postmodernism". *World Literature in English* 30.2: 1-9.
- Ngara, Emmanuel. 1985. *Art and Ideology in the African Novel*. London: Heinemann.
- Ngugi, Wa Thiong'o. 1964. *Weep Not Child*. Oxford: Heinemann.
- Nkosi, Lewis. 1981. *Tasks and Masks*. Harlow: Essex ,Longman.
- Obiechina, E.N. 1988. "The Writer and his Commitment in Contemporary Nigerian Society" *Okiké* 27-28, 1-9. Ibadan, Ibadan University Press.
- Ogungbesan, Kolawole. 1974. "Politics and The African Writer". *African Studies Review* 17.1: 43-53.
- Owomoyela, Oyekan. 1979. *African Literature, An Introduction*. Waltham: Mass Crossroads Press.
- \_\_\_\_\_. Ed. 1993. *A History of Twentieth-Century African Literatures*. London: University of Nebraska Press.
- Oyono Ferdinand. 1980. *The Old Man and the Medal*. London: Heinemann.
- Parry, Benita. 1994. "Resistance Theory / Theorising Resistance or Two Cheers for Nativism". *Colonial Discourse, Postcolonial Theory*. Org, Francis Barker, peter Hulme, Margret Ivensen, 172-196. Manchester, Eng. New York: Manchester University Press.
- P' Bitek, Okot. 1969. *Song of Lawino*. Nairobi: East African Publishing House.
- Pepetela. 1980. *Mayombe*. Lisboa: Edições 70.
- Robert J. C. Young. 2001. *Postcolonialism: An Historical Introduction*. Oxford: Blackwall.
- Said, Edward.W. 1990. *Orientalismo. O Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. 1978. *Orientalism*. New York: Random House.
- \_\_\_\_\_. 1993. *Culture and Imperialism*. New York: Vintage Books.

## A Influência do Conceito do Universalismo e Pós-Colonialismo na Literatura Africana Contemporânea

- Salman Rushdie. 1982. *The Empire Strikes Back with Vengeance*. New York: Vintage Books.
- Sanches, Manuela Ribeiro. 2005. *Deslocalizar A Europa, Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonialidade*. Lisboa: Edições Cotovia, Lda.
- Southhall, R. 1977. *Literature, the Individual and Society*. London: Lawrence and Wishart.
- Soyinka, Wole ed. 1975. *Poems of Black Africa*. London: Heinemann.
- \_\_\_\_\_. 1969. "The Writer in a Modern African State". In: Per Wastberg (ed.), *The Writer in Modern Africa*. New York, Africana.
- \_\_\_\_\_. 1992. *The Lion and the Jewel*. Ibadan: University Press.
- Trigo, Salvato. 1985. «Literatura Colonial / Literaturas Africanas». In *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Compilação das comunicações apresentadas durante o Colóquio sobre Literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa realizado na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna em Junho de 1985, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa & Paris, p.545 -552.
- Vale de Almeida, Miguel. 2000. «Um marinheiro num mar pós-colonial». *Um mar da cor da terra. Raça, cultura e política da identidade*, 227-244. Lisboa: Celta.
- Vieira, Luandino José. 1960. *A Cidade e A Infância*. Lisboa: Ed, 70.
- \_\_\_\_\_. 1978. *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*. Lisboa: Ed 70.
- Vijay Mishra & Bob Hodge. 1991. "What is Post-colonialism?". *Textual Practice* 5: 399-414.